



O C A R A P U C E I R O.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SOUPER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libet.
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 35.*

Guardarei nesta Folha as regras boas.
Que he dos vicios fallar, não das pesscas,

O principio da honra he fraco esteio da Moral.

Os Philosophantes do Seculo passado, a escola Materialista, e Atheista, e quantos tem procurado combater a saudavel doutrina da consciencia, do dever, &c., conhecendo por outra parte a necessidade de dar à Moral hum motivo, ou antes hum estímulo poderoso, recorrerão ao vocabulo *Honra*, e disserão unisinos " Religião he invento dos homens : consciencia, dever, justo, e injusto he tudo chimera de imaginações frácas, ou d'astutos impostores, que sempre buscárao governar os homens, como rebanhos de carneiros. Dor, e prazer eis os dous unicos moveis das accções humanas : tudo, que nos dá gosto, he justo, he bello, he conveniente; tudo, que nos causa dor, he injusto, indecoroso, &c. : para que nos abstehammos das más accções basta a noção de honra ; basta reflectirmos, que taes actos nos grangeão o desprezo, e odio des nossos concidadãos. " Tal he a doutrina corrente dos Hobbes, dos Diderets, dos Helvétios, dos Volneys, dos Holbacs, dos Ben-

thams, &c. &c.

Que fragil base dão taes senhores á Moral ! Em verdade o que he honra, se não a estima, q' os outros prestão ás nossas boas accções ? Logo naquellas accções, que escaparem á vigilancia das leis, e á curiosidade do proximo, n'aquellas accções, que não tiverem por testemunhas, se não os olhos d'Aquelle que escruta os corações, e penetra ate os rins, do que serve o pensamento da honra ? Suponhamos hum desses Philosophos materialistas grandemente apaixonado pela formosa esposa do seu melhor amigo (se he, que pode ter amigos quem não crê em Deos) : suponhamos, que possa ultimar os seus criminosos desejos sem que o saiba o esposo, sem que o saiba mais ninguem ; aecaso será capaz de o conter por hum só momento a ideia da honra ? Será esta poderosa no animo d'aquelle, que poder defraudar os bens da viuva, assenhorear-se dos do orfão, &c. sem que se lhe possa provar o furto ? Será sufficiente a honra para reprimir o braço d'aquelle que o tem levantado para arrancar a vida ao seu inimigo, tendo

alias todo o perigo de que o seu crime, não só ficará impune, senão que será ignorado de todo o mundo? Ah! Se a mesura crença em as verdades terribéis da Religião muitas vezes mes não convém, e não pôe digno a torrente canhota ás paixões; como o laré humana causa tão precária, tão variável, e tão faltivel, qual he á honra?

Além disto se recorremos a Historia do genero humano, se ati atarmos para a nessa propria experiência, que peço deveremos dar a essa tão preconizada honra! Por ventura, discorremo pelos lustros das Sociedades, vemos nós, que a virtude sempre merece a estima, e o galanfão dos homens? Qual a sorte de Socrates? Qual o premio de Justo Aristides? Que aproveitou a Cuitá a sua austeridade, a Focão a sua intelecto? Muitos dos maiores homens, que se sacrificaram pela sua Patria, que premio receberão desta? A inveja dos seus rivais, a perseguição dos ambiciosos, a indiferença do maior numero. E o mundo infamou jamais ao rico, e poderoso, por maiores criminais, q' sejam as suas ações? Não he mi ter, q' nos remontemos ás idades antigas, nem que escutemos os Annaes de paizes extintos; recorramos á histori contemporânea, olhemos para o nosso Brazil, e vejamos, se o descorreto, a desonra, a infamia andão a par e passo das más ações.

Comecemos a contemplar o quadro de mais alto. S'rá ignoratio d'alem no Brazil, que alguns agentes do Poder tem roubado, e delapidado escandalosamente os dinheiros publicos? Que homens, que quasi de nenhuma fortuna gozavão, quando na vida privada, apareceram ricos, e faustos atraídos empolpá os Empregos publicos? E qual a de honra, que se lhas tem seguido? Todos os festejão, todos lhes fazem cumprimentos, todos se prezão da sua amizade, as filhas publicas tecem-lhes elogios, a sua probidade anda na boca das mais brilhantes companhias; onde está o des-

credito de tais homens? O Magistrado P. não tem leilão as sentenças, e neste trâlico vergonhoso tem adquirido riquezas, com que mantém o seu fausto magistral; he o caso desprezado, mal visto, mal tractado da gente principal? Não certamente em quanto a pobre viúva chore em húmido canto da sua morada de dor e injustica, que a privou de seus bens, e a reduziu á miseria, e a seus filhinhos; em quanto o inocente orlãezo espalha, e privado da becaça de seus pais p' e iniqua sentença desse Magistrado; o cão, o palco-o, o g' ande frequentão a casa desse, que se vê rodeado da mais brillante companhia, e consegue tudo quanto pretende. Ande está pois o estímulo da honra para este homem? Como arrepiará carreira na estrada dos vícios, e dos crimes, se estiver para elle he o lata de flores, se ignorância em fim não l'henvem na os dias de sua gloria, e mui prasenteira existencia?

Quantos adquiriram riquezas p' os mesmos ilícitos, quantos, de p'us de ás adquiriram, são flagelos da pobreza, arrancando o pão da inocente boca do pupillo, reduzindo á nudez a desamparada viúvez! E vemos, que laes monstruos de deshumanidade, e de avareza incorrem por isto na execração publica? Pelo contrário á estima, a consideração, os respeitos, os cultivos p' com crescer para com elle na casa, direita do augeamento dos seus b'ndos, s'ão ás ás quais formam os caminhos tortuosos, por que os adquirio. Iá he a grande lista de generos de primaria necessidade; o ambicioso especula sobre a miseria publica; manda vir fachadas, por ex., em que conta mais de 300 mil cento; e por isso observa-se á custa das lagrimas, e dos maiores sacrificios da pobreza, perdas os titulos de homem de bem, e ingloria no deseredito do publico? Ninguém vê tal; antes todos o acolhem, todos o mesunão, todos procurão o seu valimento, e proteção.

A honra humana he o mais fraco, o mais caduco alicerce, que se pode dar á Moral. Ah! Quantas pessoas virtuosas vivem deslumbradas, e até desprezadas, quantas acabão a pezada existência no leito da dor, e da miseria, ao mesmo passo que o rico, o poderoso, o grande, saturados de vícios, andão uns Annaes da Fama, e trazem o incenso da dependencia nos impuros altares da Isonja! Quantas vezes o triste escravo de hum Lord he muito melhor homem, que seu señor; mas este riúba todos os favores, e altanezas; aquelle vive intrinsecamente ignorado, e gera só o latigo de seu espúcio tyrano! Quem hi poi, que sinceramente queira assentar a sua virtude sobre hum fundamento tão instável, tão precário, e incerto? Mas a Philosophia em grande do seculo 18 tinha suas razões para tanto preexistir a honra, queria lo substituir á consciencia, á Lei do dever, á Religião em sua; por que não sendo a honra outra coisa mais, do que a estima em que os outros nos tem, muito facil he vestirmos os nossos vícios com a liberdade da virtude, e goz rios de venterugia, quando só merecramos a execração da Sociedade. De mais a honra pôde adquirir-se pelo fingimento, e hypocrisia; mas a consciencia he juiz inexorável, perante o qual não há ilusões, nem transigências; a honra está de ponde re dos outros; a consciencia tem o seu terrível tribunal dentro de nós mesmos; a honra, mal susceptivel d'enganos, muitas vezes concede os seus favores ao maior malvado; a consciencia atormenta com o aguillho dos remorsos a fria e paixão gloriose, e no meio de apreço do seu povo; a honra em sua inconsciencia, e consciencia consuas, tem o seu, e estigma; esses novos filhos das humanidades d'original, e estínguas da consciencia, pôde se estabelecer o predominio das paixões e perigos fortes. Ihes fôi desplumado os suplicios, donrmas da consciencia, do dever, e o pro da existencia de hum Deus. Juz Supremo, e integrissimo castigo da iniqüidade.

Quando a Revolução Francesa fechou os Templos de Seulos, e derrubou os seus Altarés, houve com to milivel retardador no solo d'enarchia para faltar de Deus, e da Moral a essas turbias inebriadas, e saqueadoras, que lhe escoltavão o carro, profanando incrustados blasfemias. A obra dos Philosóphantes estava consumada; mas ia muito além das factas, cuja logica he irrefutável. Aba havia meio de conciliar nem alguma de coisas com os principios famelicos, que lucravão destruído a antigua. Os Povos adargados da sua incredulidade, e

do seu direito de exames, podião estender-se, das proprias saturninas da sua furiosa liberdade, e era preceito aparente huma reacção no espírito da mentira, que chegaria muito além de toda a expectação. O novo Idolo da França devia pois aplaudir a queda do Christianismo, e combater ao mesmo passo os principios do Philosóphismo, ou ao menos as suas terríveis consequencias. Esse Missionario, cujo nome permanece medonte na memoria dos homens, propôz o culto do Deus Supremo, alterando monstruosa no meio das alterações desses dias de luto, e de desgracas. Tinha esse culto por Ministros a todos os homens, cuja alma se declarava imortal pelo mesmo Decreto; seu templo era a natureza, e seus altares as feras, onde os tributos da França lacrimosa fôrão clarificar o luxo insolente do seu pôder. Mas se por huma parte este espetáculo constaria a humanidade, por outra he as menes curioso o ver em que termos fallava o dia Philo, aplaudente o oposito dessa nova tentativa de regeneração Religiosa; por que no triunfo inavultante do erro há sempre huma confissão importante da sua propria fraqueza. " Esta socia, dizia esse homem, em matéria de Politica ficou sempre a barba dos direitos do povo; em matéria de Moral fôi muito siem da destruição das preguiças Religiosas. Declamava algumas vezes os seus verões contra o despotismo, e erão pensamentos pelos despotas; humas vezes fazião livros contra a Corôa, e outras fazião dedicatories a os Reis, já discursos contra os Autócratas, já madrigaes em louvor das amizades destes; elos erão em summa subtils em seus escritos, e viz adulaciones nos palcos dos Gramíes. Esta socia propagou com muito zelo a apreção do materialismo, que prevalecece entre os poderosos, e bellos espíritos da mundo; a elia se deve em parte essa especie de Philosophia prática, que reduziu o sistema o Religismo, consideira a sociedade humana, como huma guerra de castigar, o successo, como a regra do just, e do injusto, o preditor, como hum arcebispo de gosos, e de mera d'avançar, o mundo, como patrionário da velhas astucias."

E quem he e se busarem, que assim stigmatiza a Philosophia revolucionaria? Quem he esse, que caracteriza-lhe os resultados com tão perfeita clareza de ideias, no meio de todos aqueles, que não chegarião a assentir-se sobre as ruinas da ordem social, se não em virtude dos seus sistemas? Esse Pontifice da nova Cúria era o fa-anfoso Robespierre! Que lheô para as gerações presentes! Que verdades profundas por hum discípulo enlouquecido, e munido da Philosophia!

Que coust he honra sem Religião? Que apreço fará da primeira quem não pensa a segunda? Que pejo, que reccio, que temor terá dos homens quem não tem gravado em seu

coração o Santo temor de Deos? Oihemos para todos os séculos, oihemos para a propria experiência, e convencer-nos-hemos, que a Religião de Jesus Christo he a fonte das luzes, e da civilisação; que só ella dá força, e gloria aos Imperios; que he o lago mais poderoso para unir os homens, para promover a harmonia, e prosperidade das famílias, para sustentar a coragem do homem nos revezes, para subministrar doces consolações, compensações infinitas a os males inevitáveis desta vida: que n-a-há mais sublime, que a sua Moral, n-a-há mais amável, e pomposa, que seus Dogmas sua doutrina, e seu culto: que a Religião de Jesus Christo favorece o engenho, apura o gosto, desenvolve as paixões virtuosas, dá cor, e força ao pensamento, subministra nobíssimas invenções ao Escriptor, e modélos perfeitos ao Artista: que a Religião do Homem Deos em siu he a unica taboa de salvação nos mares tempestuosos desta vida; que em sua observância cifra-se toda a honra, toda a gloria, todo o prazer durável, toda a felicidade humana. Concluirei este Artigo com as seguintes palavras do conde Pecchio na sua Historia da Economia Política na Italia " He anuíl cuidar em Artes, em Agricultura, em Commercio, e em Administrações, se se não euid: em reformar os costumes, modelando-os pelo Evangelho: por que em quanto os homens acharem conveniencia em ser velhacos, não devemos esperar grande causa dos trabalhos methodicos: assas experiência teuho destas cousas."

VARIEDADE.

Apologo do Sr. Lickiver.

Certo pai de familia mui honrado, e não menos rico, tinha tres filhos; e querendo antes de sua morte metê-los de posse da sua herança, repartiu por elles com justica, e igualdade tudo quanto possuia; e depois de feita a partilha, disse-lhes " Resta-me ainda huma joia mui preciosa, e qual não podendo ser partida, a reservo para aquelle de vós, que melhor a merecer pela prática d'

alguma accão nobre, e generosa para o que me dou tres me es", e actou cada hum dos filhos de dar ordem à vó a: tomado diligentemente destino, e quando foi no fim das tres meses apparecerão perante seu pai, que também fazia de juiz; e eis aqui como lhe falou o mais velho. " Meu Pai, durante o tempo que andei por fóra, aco teceo-nos encontrar hum forasteiro, que por certas circunstancias da sua vida se viu obrigado a confiar-me todos os seus cabedais: elle não ex glo de mim nem me declarou por escripto, e portanto não podia nuuca justificar, que na m'ida m'ão tinha a sua riqueza: eu com tudo não abusai da sua boa f', e entrenei-lhe honestamente tudo que de mim tinha confiado. E n'ho he este fidel dade huma accão digna de louvor? " - Meu filho, lhe respondeo o pai, tu fizeste o que devias; de vergonha morreria eu, se d'outro maneira procedesses; por quanto a probidade te hum dever, a accão, que praticaste te hum acto de justiça, mas não de geterosidade. " Seguiu-se o filho segundo a falar, e o sim disse -- Durante a minha viagem aconteco-me estar hum dia n's bordas de hum lago, e tempo que cahia dentro d'agoa hum menino: dei-me pressa em lhe acudir, e com tanta felicidade, que lhe pude deitar a mão, e salvá-lo na occasião, em que elle já ia afogar-se. " Esta mui bem, lhe tornou o velho; mas nessa accão, que praticaste, há só generosidade: falta-lhe ainda a nobreza. -- Veio por si o terceiro, e tomou a mão dizendo -- Meu pai, eu encontrei huma vez o meu maior inimigo deitado a dormir sobre huma despenhaireiro, o que creio, lhe sucedera por ter perdido a noite, e com hum pequeno empuxo, que lhe desse, far-se-hia pedaços sem que ninguem lhe pudesse valer: a sua vida estava nas minhas mãos; mas eu tive por causa vil aprouveitar-me dessa occasião; tomei por melhor expediente acordado mansamente, e com t'ela a caçetela necessaria para elle não cair no precipicio, e fui eu mesmo quem o ajudei a livrar dele. " Ah! meu filho, exclamou o bom pai: todo transportado em júbilo, e abraçandoo cariçosamente, lhe ati seu: questão, que pertence a joia: eila aqui: seja eila para toda tua vida o maior titulo de tua nobreza, e o mais vivo testemunho de minha amizade. "